

Uma visão ao manejo ambiental sustentável na região da Orinoquia

Marco A. Torres e Miguel Venegas

Hoje vemos a Orinoquia colombiana como aquela região que o país tem começado a olhar de novo como polo econômico e fornecedor das “locomotoras do desenvolvimento” propostas pelo atual governo. Toda esta estrutura econômica montada sobre a Orinoquia tem trazido uma série de mudanças positivas e negativas nos setores econômicos, sociais e ambientais, sobre os quais a academia regional deve orientar o roteiro, para que tenha um verdadeiro desenvolvimento regional, onde o homem, a natureza e a sociedade, integrem-se sob os modelos da sustentabilidade.

Nessa ordem de ideias, as transformações acontecem não só no setor rural, porém, também nas cidades e outros centros de população da região que estão mudando de forma rápida e caótica, para se adaptar ao tipo de desenvolvimento proposto. Se ha esquecido que na Orinoquia, tem uma cidade, muitas cidades e pequenas vilas; umas mais planejadas, que outras, possivelmente todas sonhadas e construídas como replicas da babel bíblica, ao desejo de quem com sua experiência de vida e a suas ideologias, simultaneamente apropria-se de um lugar, física e simbolicamente, para morar nesse espaço e também para oferecer moradia aos seus mundos, ao seu universo. Porém, é indispensável para este para este território, que perante as mudanças, não cair nas modas, nem desenhos supérfluos, na acelerada carreira do “capital inquieto” que necessita de novas inversões em urbanismos gigantescos, sem repensar a cidade para que o quadro imaginado possa ser construído respondendo efetivamente aos sonhos, interesses e anseios dos seus moradores.

Por isto, e diante das novas olhadas que aparecem sobre as cidades regionais, como Villavicencio, com novas visões de ordenamento territorial, é necessário indicar que os planos de desenvolvimento urbano devem gerar-se como guia com a qual o governo da cidade assume o desafio de reconhecer o espaço nas todas suas dimensões, por exemplo, a ecossistêmica, a socioeconômica, a política e a cultural, de tal sorte que viver no local seja um fato de placidez e felicidade. O anterior obriga a necessidade de uma visão integral e não setorial na qual esteja incluída a sustentabilidade, a equidade e a complementariedade.

Impõe-se por tanto, aproveitando as tecnologias de ponta, uma nova cartografia que de conta de todos os constituintes atuantes e determinantes do tecido social no território; a visão desde um mapa liso, e uma visão lisa; tem que ver a cidade em terceira dimensão, como um espaço dinâmico. Só, assim superamos a geografia da desigualdade. Junto a essa visão técnica, é importante abordar as novas epistemologias para o desenvolvimento urbano e para a construção de cidade; apropriação por parte das comunidades dos elementos técnicos e políticos da gestão local, de tal forma, que esteja garantida a participação dos cidadãos no desenho das políticas sobre os destinos da cidade, na sua implementação e execução satisfatória.